

# QUESTÕES DA AUTORIA FEMININA

## Uma profissional polígrafa: a obra e a figura de Júlia Lopes de Almeida

Verônica dos Santos Modolo

Mestranda em Literatura Brasileira (FFLCH – USP)

[veronicamodolo@usp.br](mailto:veronicamodolo@usp.br)

Durante a belle époque brasileira, o meio literário e jornalístico brasileiro foi marcado pelos autores polígrafos, escritores que praticaram uma gama de gêneros textuais em voga no período (Broca, 2003). A poligrafia caracterizou-se como não somente a abordagem de temas e formas diversas, mas também a interação entre essas produções, de forma a constituir uma obra e um nome reconhecidos pelo público, no contexto de um campo literário em mudança (Bezerra, 2009). Isto porque a virada do século XIX para o século XX foi um momento de transformação mais ampla da sensibilidade coletiva e, mais especificamente, da condição social do artista, que se insere em dinâmicas editoriais e de circulação da produção escrita mais velozes e competitivas (Sevcenko, 1999). Nesta nova configuração, o valor da atividade intelectual dependia também de ganhos materiais e simbólicos, e a expansão dos espaços de atuação atendia a esta problemática dos autores (Miceli, 2001). Por isso, são diversos os escritores que se notabilizaram por sua presença constante nos espaços ocupados pela intelectualidade, como jornais, grupos e salões. Um destes espaços, talvez o de maior fecundidade, foi o jornal, local caracterizado pela heterogeneidade discursiva, pelo debate e pela polêmica, que abrigou as mais diversas manifestações, gêneros e nomes (Barbosa, 2007). Dentro deste quadro, do ponto de vista dos estudos sobre autoria feminina, há particularidades relevantes na atuação das mulheres escritoras que se lançaram nos campos literário e jornalístico. Os jornais foram para estas autoras a arena para pautarem linhas de luta por direitos (Muzart, 2003) e conquistarem uma voz pública sujeita à crítica e à concordância (Pereira, 2010; Duarte, 2010). Esta atitude em relação ao jornal surge em combate à deslegitimação da produção artística e intelectual feminina de modo geral, que incluía a literatura (Simioni, 2008). É possível entender a condição social de gênero como um fator extraliterário de prestígio (Fanini, 2016), frente ao qual as mulheres tomam uma posição, conscientemente ou não, por suas práticas e produções. Neste sentido, a poligrafia teve para as escritoras significação específica, na medida em que estas disputaram, por meio da produção variada e articulada, este campo excludente. Neste contexto, Júlia Lopes de Almeida destaca-se pela quantidade e longevidade de sua produção. Foram cerca de 40 anos como uma profissional das letras reconhecida pelo público, por seus pares e pela crítica de seu período. Lopes de Almeida foi romancista, contista, teatróloga, cronista, conferencista e ensaísta, colaborando em diversos jornais, publicando consistentemente e participando de eventos e reuniões de discussão sobre a literatura e a cultura brasileira. Em entrevista a João do Rio, reconheceu a importância do jornal para a profissionalização do escritor (Rio, 1994). Na crônica “Em guarda”, ressalta o potencial do jornal para observação do

cotidiano e do momento histórico brasileiro (Almeida, 1906). Estes registros demonstram a consciência, por parte da escritora, do papel dos periódicos na circulação da literatura e, de modo mais amplo, no desenvolvimento nacional. Assim, esta apresentação objetiva situar Lopes de Almeida como uma escritora polígrafa. Para tanto, analisaremos a relação entre os gêneros textuais mobilizados no conjunto de sua obra e os públicos-alvo aos quais se alinhavam, para dimensionar os diferentes âmbitos pelos quais seu nome circulou. Evidências em propagandas, críticas e comentários de jornais à obra de Almeida constroem o quadro do trabalho de uma escritora participativa e em constante experimentação. A partir deste panorama, é possível alinhar-se à hipótese de Michele Fanini (2013) sobre a construção da imagem de Júlia Lopes de Almeida como profissional das letras, engajada na dinâmica de produção escrita do novo século.